

**Grupo de Trabalho (GT) - 07 - CORPO, GÊNERO, SEXUALIDADE E PRÁTICAS
EDUCATIVAS**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Elvira Bezerra Pessoa

Profª Dra. Universidade Estadual da Paraíba

bioelvira@gmail.com

Adeilson Paulino de Barros

Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba

adeilson25@bol.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão baseada em dados coletados no Estágio de Orientação Escolar realizado numa Escola Pública Municipal de Campina Grande-PB. Tal discussão objetivou descrever a prática cotidiana do/a Orientador/a Educacional (O.E.), frente às questões de gênero em termos dos estereótipos comportamentais vivenciados por meninos e meninas no cotidiano escolar, mas especificamente, as formas do brincar. Assim, verificamos: a) a importância do papel do/a O.E., diante de tais questões, b) que atividades o/a O.E. desenvolver junto aos professores/as e alunos/as visando a sua desconstrução nos relacionamentos inter-pessoais dos/as educandos/as. As atividades realizadas no Campo de Estágio basearam-se nas contribuições dos/das autores/ Grinspun (1992), Zotti (2004), Louro (2008), Auad (2006), entre outros/as autores/as. Na exposição e discussão dos dados verificou-se que a Orientadora educacional da escola em pesquisa junto ao corpo docente não apreciava a temática sobre gênero, em vários momentos foi observado que os brinquedos de meninos não eram para meninas e vice versa. Quando questionamos sobre as brincadeiras “ditas de meninos” e brincadeiras de bonecas só com meninas, a orientadora educacional achou que não era interessante discutir o tema, afirmou que era natural separar as coisas e brincadeiras de homens e mulheres. Esses conceitos, tão comuns em nosso cotidiano, expressam, na verdade, estereótipos sobre masculinidade e feminilidade. São heranças culturais transmitidas pela sociedade (família, amigos, professores). O que não quer dizer que seja a verdade absoluta.

Palavras-chave: Orientador/a Educacional. Equidade. Cotidiano Escolar.

INTRODUÇÃO

Entende-se por inclusão a valorização e respeito para com todos os grupos de uma dada sociedade, sejam mulheres, minorias étnicas, pessoas com deficiência, pobres ou miseráveis. Para Rodrigues (2006, p.11), “inclusão é essencial a todos os cidadãos de

uma dada sociedade, o acesso e a participação sem discriminação a todos os níveis e serviços”.

Autores como Rodrigues (2006), discutem o processo de inclusão e exclusão enquanto questões e implicações gerais na vida dos sujeitos. E, se tratando de gênero, não se atém a essas questões como item específico presente nos processos de exclusão. O aspecto *gênero* dentro do contexto exclusão é tratado de uma forma transversal e, muitas vezes, passa despercebido ao longo das reflexões. O recorte de gênero, a fim de se perceber se este aspecto está presente na reflexão das desigualdades, ainda está à margem do contexto maior das reflexões temáticas.

Um exemplo disso é a linguagem masculina ainda usada por autores e autoras ao longo de suas pesquisas. Muitas vezes o termo *Homem*, continua sendo usado como sinônimo de humanidade como forma de inclusão do feminino, mas utilizando um termo estritamente masculino e excludente. É claro que existem palavras masculinas e femininas, mas existem palavras masculinas e femininas e que incluem, ou dão a dimensão da inclusão no significado da palavra, como por exemplo: *sujeito, humanidade, indivíduo, ator social* etc. Fala-se em inclusão, mas a linguagem continua excluindo e a explicação é de que a língua portuguesa é masculina e que a linguagem inclusiva é muito cansativa tanto na escrita quanto na fala. Pode-se pensar, então, que a exclusão vem mascarada para este campo, pois se manifesta de uma forma sutil e sem pretensões de excluir, embora excluindo e usando a ideologia vigente como avalista. Se ao tratar das questões de linguagem, percebe-se a grande lacuna da equidade entre os gêneros, quanto mais trabalhar com a desconstrução de outras formas simbólicas de dominação perpetuada na sociedade e, principalmente, nas nossas escolas.

O presente trabalho traz resultados parciais de como estão sendo compreendidas e trabalhadas as relações de gênero entre meninos e meninas em uma Escola pública da cidade de Campina Grande, a partir da intervenção do/a Orientador/a Educacional, apoiado em reflexões de políticas de inclusão e diversidade no cotidiano escolar.

A pesquisa teve início com uma revisão bibliográfica na intenção de fazer um levantamento histórico e teórico que nos facilitasse a compreensão e análise dos dados coletados. Durante o processo da pesquisa, estivemos presentes observando e registrando todos os acontecimentos da referida instituição. Procuramos defrontar os dados coletados com teorias que nos possibilitassem uma discussão a luz de um

paradigma feminista, de inclusão e de políticas públicas para a qualificação dos profissionais da educação. Dessa forma, utilizamos os estudos teóricos Grinspun (1992), Zotti (2004), Louro (2008), Auad (2006), entre outros/as autores/as.

Visto que a escola não trabalha as questões de gênero no cotidiano escolar, não havendo essa inclusão, acreditamos que há a urgente necessidade do/da Orientador/a Educacional, trabalhar junto com a equipe escolar as relações de gênero na escola, de maneira que quebre o paradigma ao qual, meninos e meninas não podem misturar-se ao brincar ou fazer qualquer outra atividade juntos/as.

O nosso trabalho ficou assim estruturado: o primeiro capítulo aborda os objetivos e a metodologia utilizada em nossa pesquisa; o segundo capítulo discute políticas de inclusão, a educação de meninos e meninas desde os tempos coloniais, as funções atribuídas ao/a Orientador/a Educacional, o conceito de gênero, e a intervenção do/ Orientador/a nas relações de gênero na escola e, por fim, o terceiro capítulo descreve e analisa os dados da pesquisa contextualizando o estágio e o procedimento das atividades.

Portanto, é nesse contexto que desenvolvemos a nossa prática pedagógica em Orientação Educacional, intervindo nas relações de gênero e construindo uma educação não-sexista. Assim, esperamos com esse estudo desconstruir estereótipos e possibilitar a discussão e inserção de práticas de gênero e inclusão no cotidiano escolar.

1. OBJETIVOS GERAIS E ESPECIFICOS

1.1. Objetivo Geral

Promover ações didático-pedagógicas interdisciplinares baseadas nos pressupostos de uma educação inclusiva e políticas de igualdade entre os gêneros junto às funções da Orientação Educacional, tendo em vista contribuir com a realização das atividades docente e discente no cotidiano escolar.

1.2. Objetivos Específicos

- Discutir sobre o papel do Orientador Educacional na sociedade, nas relações com os/as alunos/as;
- Promover a reflexão de uma cultura de igualdade de gênero dentro da escola;

- Implementar uma proposta de equidade entre os gêneros a partir do projeto brinquedos e brincadeiras.

2. DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

2.1. Contextualizações do estágio

O estágio foi realizado em uma Escola Municipal no Bairro do Centenário, na Cidade Campina Grande-PB, no turno da manhã, cujas atividades foram desenvolvidas em cinco turmas do Ensino Fundamental.

A escola pesquisada consciente ou inconsciente tem buscado inserir-se nessa “escola para novos tempos” a qual propõe Libâneo (2001), claro que dentro das reais possibilidades de que dispõe a escola, buscando propor melhores condições de trabalho aos seus funcionários e de aprendizagem aos alunos.

O ensino fundamental é organizado em Ciclos. De acordo com a LDB (2006, p. 24, art.23):

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

A maioria das professoras é graduada em Pedagogia e todas foram escolhidas por meio de concurso público. Sabemos que o déficit na educação, no Brasil, ainda é altíssimo e que um dos fatores para melhorá-la é a qualificação dos seus profissionais. Neste sentido, verificamos que na escola pesquisada não há profissionais inconscientes do seu papel, cabendo-lhes exercê-lo com eficácia e competência.

A escola participa de alguns programas governamentais, a exemplo do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), Dinheiro Direto na Escola, Plano Diretor, entre outros. Buscar inserir-se em programas governamentais facilita o seu trabalho, além de proporcionar melhores condições de aprendizado para os seus alunos.

De acordo com a LDB (2006, p.36, art.70): “Considerar-se-ão como de manutenção e desenvolvimento do ensino as despesas realizadas com vistas à consecução dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis” [...].

A escola tem como plano, algumas metas como: melhorar em 90% as práticas pedagógicas da escola; elevar em 90% o nível de desempenho dos alunos/as do pré-escolar ao 5º ano; promover a integração escola e comunidade em 100%; elevar em 90% o nível sócio-cultural dos educandos; proporcionar em 100% um ambiente escolar inspirado nos princípios de igualdade e solidariedade humana e liberdade; contribuir em 100% para a construção de uma escola democrática.

Além de promover algumas ações como: Elaboração e aplicação de instrumentos avaliativos para verificação dos/as educandos do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental; realização de levantamento das dificuldades enfrentadas pelos professores em suas práticas pedagógicas; implementação da sala de leitura para as atividades de leituras diferenciadas com os educandos/as do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental; trabalho dos conteúdos de forma interdisciplinar de acordo com o sistema de ciclo; promoção de mostra pedagógica anual para estimular a criatividade e a participação dos/as do processo ensino aprendizagem; construção juntamente do projeto “Família-Escola vamos formar essa aliança” para aproximar a família da escola; realização de encontros com a família para divulgar atividades desenvolvidas pela escola e o desempenho dos/as alunos/as; formação com os/as alunos/as de grupo de danças folclóricas para apresentações dentro e fora da escola; promoção de grupos de estudos com a equipe escolar sobre avaliação; realização de parcerias com outras instituições que possibilitem melhorias no processo de ensino e aprendizagem, como: Instituto Alpargatas, SESI, SESC, EMBRAPA, UFCG, UEPB entre outros; realização de rotina escolar de forma a serem obedecidos os horários de entrada e saída dos/as alunos/as no cumprimento de 200 dias letivos; realização de reuniões bimestrais com os/as professores/as, equipe multiprofissional e demais para avaliar as ações desenvolvidas na escola; elaboração e cumprimento do cronograma de reuniões do conselho escolar; construção e execução de projetos que abordem temáticas como: paz nas escolas, meio ambiente, sexualidade, higiene entre outras prioridades; aquisição de alimentos com valor nutritivo adequado a faixa etária dos/as alunos/as; realizar intervenções junto os/as alunos/as para conscientizá-los/as da necessidade de elaborar seus projetos de vida; organizar cronograma para professores/as e alunos/as utilizarem a sala de vídeo com Temas selecionados, tais como: meio ambiente, sexualidade, violência, projeto de vida entre outros acervos da TV Escola; adquirir junto a Secretaria Municipal de Educação o laboratório de informática e organizar grupo de estudos com a

equipe multiprofissional, professores e funcionários/as para melhor compreensão do processo de educação inclusiva e possíveis intervenções juntos aos/as alunos/as que apresentam dificuldades de aprendizagem comprovadas por instituição competente.

Essa relação que a escola tem com a comunidade é de suma importância na construção e desenvolvimento da identidade dos alunos. Sobre isso afirma Rios (1997, p. 38)

A escola não está nem fora da sociedade, com uma autonomia absoluta diante dos fatores que estimulam as mudanças sociais, nem muito menos numa relação de subordinação absoluta, que a converte em mera reprodutora do que ocorre em nível mais amplo na sociedade. A escola é parte da sociedade e tem com a toda uma relação *dialética* _ há uma interferência recíproca que atravessa todas as instituições que constituem o social.

Dessa forma, escola e sociedade caminham juntas em um verdadeiro laço de ajuda mútua. Seja como for, todos os que fazem parte da respectiva escola, propiciam e, ao mesmo tempo, acreditam na educação como um forte instrumento de transformação social, em busca de um mundo melhor para todos/todas os/as cidadãos/cidadãs. A seguir descreveremos os procedimentos das atividades em sala de aula.

2.2. Procedimentos das atividades

No primeiro encontro fomos apresentadas a toda equipe docente da escola. Apresentamos o Projeto sobre Brinquedos e brincadeiras, no qual todas as aulas foram baseadas. Foi feito um levantamento a respeito de todas as brincadeiras que as norteavam a vida cotidiana das crianças do 3º ano. Surgiram várias respostas, desde as mais clássicas até as modernas, como: “gosto de brincar de bonecas, voleibol, pula corda, pipa, pião, vídeo game, futebol, gosto de ficar na internet”. Percebemos que nessas brincadeiras os estereótipos de gêneros estavam bem explícitos, ao ficar bem claro que as meninas gostavam de brincar de boneca, já os meninos preferiam as pipas, os piões e outras brincadeiras consideradas masculinas pela sociedade.

Em seguida foi pedido para as crianças se dividirem em grupos e fazerem um registro com desenhos ou produção textual produzido por eles/elas sobre os lugares onde mais gostavam de brincar (pracinha, campo de futebol, quintal de casa, rua), como mostram as figuras abaixo:

Figura 01: Pega-ladrão brincadeira mista

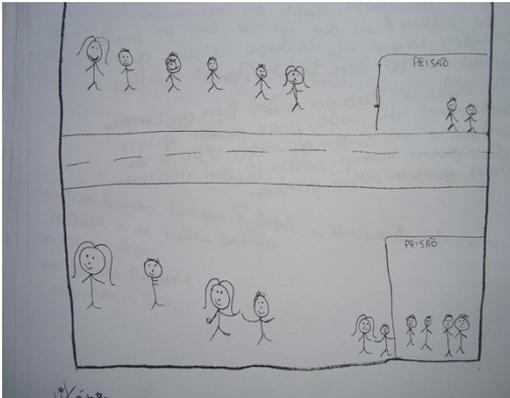


Figura 02: Pula corda só de meninas

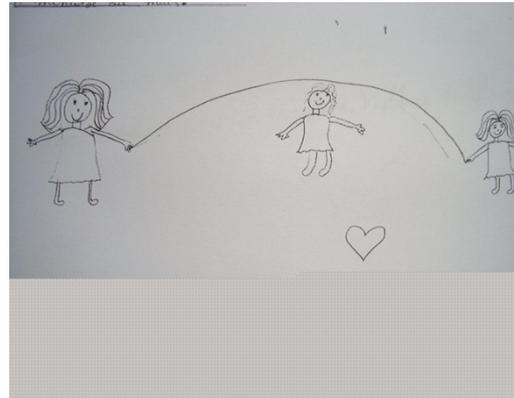
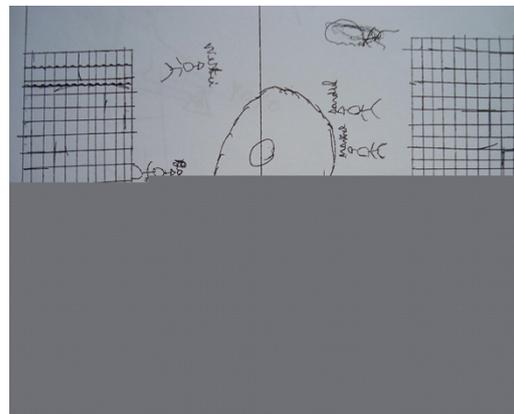


Figura 03: Voleibol entre meninas



Figura 04: Futebol entre meninos



Observamos que na figura um as crianças descrevem a brincadeira intitulada de “pega ladrão”, onde as crianças estão divididas em dois grupos mistos mediante cada lado da rua; Na segunda arte podemos observar meninas pulando corda; Enquanto na terceira imagem vale destacar a presença de duas meninas disputando uma partida de voleibol e por ultimo temos a quarta figura que representa uma clássica e tradicional partida de futebol entre garotos. A partir da análise das figuras percebemos que as crianças fora da escola conseguem integrar práticas não sexistas, como vimos na figura um, como também percebemos um paradigma ao qual ainda existem brincadeiras ditas só para meninos e para meninas.

Desse trabalho sobre os lugares onde eles/elas mais gostavam de brincar surgiu à construção de várias maquetes representando o local onde cada grupo mais brincava.

Sobre a linguagem corporal: Foi proposta uma atividade em que os alunos/as pudessem expressar os seus sentimentos, desejos, medos, alegria dentre outros, de uma forma que o corpo mostrasse todas essas características. Primeiramente, foi proposto e quase que imposto pela professora juntamente com a O.E da instituição músicas de cunho fraterno, ou seja, músicas de amor, canções religiosas dentre outras.

O que podemos notar que houve certo entrave por parte do alunado. Ora por, sua realidade não condizer com aquilo que estava nas letras das canções, ora por temas como estes não os instigarem de uma maneira satisfatória. Até o momento em que utilizamos do gênero musical Axé Music com a música *Festa* interpretada por Ivete Sangalo, composição de Anderson Cunha, onde as crianças mostraram um grau elevado de desenvoltura corporal: Pularam, sacudiram os braços, mexeram as cabeças, gritaram, sorriram e com esta música houve uma singular interação entre meninos e meninas; Podemos identificar a perca de pudores e distanciamento entre os sexos. Ou seja, os valores patriarcalistas edificados com o processo histórico.

Observamos que a música era um grande recurso didático para se trabalhar com a turma do 3º ano, pois chamavam a atenção e ao mesmo tempo a participação da turma surpreendeu a todas nós. Foi um momento único, o qual eles/elas participaram, riram, brincaram se auto-afirmaram enquanto crianças que vivem em luta constante de classes sociais.

Durante o tempo em que permanecemos no estágio observamos muitas coisas a exemplo da inquietação da turma, que em grande parte do tempo se mostraram muito barulhentos e dispersos nas aulas, motivo este que acima de tudo era preciso rever métodos e formas de chamar-lhes a atenção para o desenvolvimento das atividades propostas.

Percebemos que a divisão entre meninos e meninas são constantes e notórias na sala de aula, pois estes sempre procuravam formar grupos semelhantes, os meninos com os meninos e as meninas com as meninas. Os meninos citavam o gosto pelas brincadeiras masculinas, como futebol, vídeo-game, já as meninas preferiam, brincar na pracinha, de boneca, de casinha, assistir desenhos em grupos femininos. Uma forma de representação das práticas cotidianas representadas nos discursos dos/das mesmos/as.

A escola, assim como outras instituições sociais, ressalta e utiliza as diferenças e transforma-as em desigualdades. Ao separar adultos de crianças, ricos de pobres, a escola conhecida por nós fabrica identidades de meninos e meninas, homens e mulheres (AUAD 2006, p. 77).

Na escola pesquisada, observamos a Orientadora escolar expressa, na verdade, estereótipos sobre masculinidade e feminilidade permitiu entrever que a professora compartilha de um olhar estereotipado sobre os papéis socialmente aceitos e recomendados para meninos e meninas. Essa visão é reforçada em atitudes e ações que acabam, várias vezes, reforçando os estereótipos sexistas. Na verdade, não pretendemos culpar a professora e a Orientadora Educacional, mas entender que sua prática não é imune a crenças que estão arraigadas na sociedade de forma geral. Dessa forma:

[...] Refiro-me a um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as idéias sobre o feminino e sobre o masculino. Trata-se de uma política educacional, que prevê um conjunto de medidas e ações a serem implementadas nos sistemas de ensino, nas unidades escolares, nos afazeres das salas de aula e nos jogos e nas brincadeiras [...] (AUAD 2006, p. 79).

Visto que a escola não trabalha as questões de gênero no cotidiano escolar, não havendo essa inclusão, acreditamos que há a urgência do/da Orientador/a Educacional, trabalhar junto com a equipe escolar as relações de gênero na escola, de maneira que quebre o paradigma que meninos e meninas não podem misturar-se ao brincar ou fazer qualquer outra atividade juntos/as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orientação educacional e o corpo docente têm o compromisso de auxiliar a escola em sua função social, criando ou reformulando ações pedagógico-educacionais e favorecendo a articulação de valores que resultem em atitudes éticas no âmbito do convívio social. Ainda que a instituição não conte com um cargo específico para essa função, suas atribuições precisam ser realizadas no dia-a-dia.

Na instituição escolar, o/a Orientador/a educacional é um dos profissionais da equipe de gestão. Seu trabalho é diretamente com os alunos, ajudando-os em seu

desenvolvimento pessoal; em parceria com os professores, para compreender o comportamento dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis.

A categoria gênero torna-se muito importante para a educação brasileira, uma vez que ela envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização social. Uma menina que brinca ao lado de meninos, um menino que anda insere-se na fila das meninas, uma professora que não separa sua sala de aula entre meninos e meninas, crianças que, independente do sexo, passam o recreio brincando juntas, todas essas ações, quer individuais ou em grupos são reações de resistência as formas tradicionais das relações de gênero.

As professoras e a orientadora educacional, durante o seu período de formação, não foram preparadas para refletir sobre como os estereótipos de papéis sexuais agem no contexto escolar. Este assunto não está incluído no currículo e no planejamento escolar, mas situações concretas e cotidianas mostraram como é forte o processo de construção de diferenciação sexista.

O/a O.E atua como ponte entre escola, aluno/a e família, é responsável por orientar os/as mesmos/as quanto ao como torná-los/as cidadãos/ãs críticos/as e atuantes em sua sociedade. E que apesar de ser uma tarefa de difícil execução, principalmente pelas condições desfavoráveis em que na maioria das vezes desenvolve o seu trabalho, procuraremos desenvolver atividades que ajudem a quebrar os estereótipos entre os meninos e as meninas de maneira que os façam compreender a importância de ambos os sexos. Dessa forma, concluímos que o papel do/a O.E. é fundamental dentro de uma escola, pois esse/a profissional é responsável por tentar manter o equilíbrio entre docente, discente e família.

Portanto, trabalhar com o projeto brinquedos e brincadeiras a partir das relações de gênero no cotidiano da escola pesquisada, com a intervenção do/a Orientador/a Educacional, foi sem dúvida uma experiência significativa, a qual ficou bem claro que, os meninos e as meninas são sujeitos transformadores da realidade cotidiana, necessitando de uma série de recomendações, normas, práticas e preceitos a serem

seguidos e refletidos para que a ação de uma educação igualitária entre ambos os sexos seja efetivada.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GRINSPUN, M. P. S. Zippin. **O espaço filosófico da Orientação Educacional na realidade brasileira**. – Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino**. In: SILVA, Luís H. da; AZEVEDO, José C. de. Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SENADO FEDERAL. Secretaria especial de editoração e publicações subsecretaria de edições técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 3. Ed. Brasília: 2006.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil**. Dos Jesuítas aos anos de 1980. São Paulo: Plano, 2004.